

CADERNOS FORCINE

#3

Publicação do Fórum Brasileiro
de Ensino de Cinema e Audiovisual

Volume III setembro 2017

FORCINE 
FÓRUM BRASILEIRO DE ENSINO DE
CINEMA E AUDIOVISUAL

Cadernos FORCINE é uma publicação anual do Fórum Brasileiro de Ensino de Cinema e Audiovisual (FORCINE).

Cadernos FORCINE n. 03 (jan/set 2017) – São Paulo: FORCINE, 2017.

Anual

ISSN 2448-1521

1. Formação. 2. Ensino. 3. Cinema. 4. Audiovisual. 5. Brasil

CADERNOS FORCINE

Conselho Editorial

Profa. Dra. Aída Marques (UFF)

Profa. Dra. Alessandra Meleiro (UFSCar)

Prof. Dr. Bruno Hingst (Anhembi-Morumbi)

Profa. Dra. Carla Rabelo (UNIPAMPA)

Prof. Ms. Eduardo Dias Fonseca (UNILA)

Prof. Dr. Fabiano Grendene de Souza (PUCRS)

Prof. Dr. Ivonete Pinto (UFPEL)

Prof. Dr. João Guilherme Barone (PUC RS)

Prof. Dr. João Paulo Amaral Schlittler

Profa. Dra. Katia A. Maciel (UFRJ)

Profa. Ms. Lilian Santiago (CEUNSP)

Produção Editorial: Profa. Ms. Lilian Santiago

Edição: Profa. Ms. Lilian Santiago e Profa. Dra. Alessandra Meleiro

Revisão: Belisa Figueiró

Identidade Visual: Prof. Dr. João Paulo Amaral Schlittler

Design Gráfico: Prof. Dr. Guilherme Carvalho da Rosa

Copyright do texto Em um Mundo de Telas ©CILECT (The International Association of Film and Television Schools) Sofia, Bulgária. Publicado originalmente em “The 21st Century Film, TV and Media School: Challenges, Clashes, Changes”, de Maria Dora Mourão, Stanislav Semerdjiev, Cecília Mello e Alan Taylor. Título original: In a World of Screens. Todos os direitos deste texto foram cedidos à FORCINE – Fórum Brasileiro de Ensino de Cinema e Audiovisual.



DIRETORIA EXECUTIVA (2016-2018)

Presidente: Alessandra Meleiro (UFSCAR)

Vice- Presidente: Aída Maria Bastos Nepomuceno Marques (UFF)

Secretária Geral: Cíntia Langie Araújo (UFPEL)

Primeira Secretária: Tainá Xavier Pereira Hühold (UNILA)

Diretor Financeiro: Guilherme Carvalho da Rosa (UFPEL)

Primeiro Tesoureiro: Humberto Neiva (FAAP)

Conselho de Representantes:

Fabiano Grendene de Souza (PUCRS)

Luciana Rodrigues Silva (FAAP)

Luiz Adriano Daminello (UFPA)

Maria Dora Genis Mourão (USP)

Marta Corrêa Machado (UFSC)

Ney Costa Santos (PUC-Rio)

Conselho Fiscal:

José Gozze (FAAP)

Lilian Santiago (CEUNSP)

Luís Fernando Angerami Ramos (USP)

CADERNOS FORCINE

Sumário

Introdução	6
O atual sistema de ensino e a relação academia versus indústria Jonas Almeida <i>Instituto Infnet (RJ)</i>	9
Novas formas de distribuição que aliam formação de público e impacto social: o caso do documentário Paratodos Carol Misorelli e Livia Almendary <i>Taturana Mobilização Social (SP)</i>	13
BossaLab: Um caminho para a experimentação e a inovação de linguagens e narrativas Cassia Mendonça Conti <i>BossaLab (SP)</i>	23
Os festivais estudantis como porta de entrada à prática audiovisual Paulo Vitor Luz Corrêa <i>UNIMONTE (SP)</i>	28
A diversidade no ensino de cinema e audiovisual no Brasil: estudos contemporâneos Wilton Garcia <i>UNISO (SP)</i>	40
Em um mundo de telas Esther Hamburger <i>USP (SP)</i>	46
Filme brasileiro, distribuição e o circuito de cinemas universitários Cíntia Langie <i>UFPEL (RS)</i>	60

4 “Vizinhos”, direção: Luiz Villaça. 2015.

“TV Vida Real”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-2r2CQ3BrrA>>. Acesso em: 13.jun.2017.

“Racismo em Cena”, 2016. Disponível em: <<http://www.bossanovafilms.com.br/filme/pt/448/racismo-em-cena>>. Acesso em: 13.jun.2017.

“Um só Coração”, 2016. Disponível em: <<http://www.bossanovafilms.com.br/filme/pt/449/um-so-coracao>>. Acesso em: 13.jun.2017.

“Gêneros Diferentes, Direitos Iguais”, 2016. Disponível em: <<http://www.bossanovafilms.com.br/filme/pt/447/generos-diferentes-direitos-iguais>>. Acesso em: 13.jun.2017.

“Sonhos”, 2015. Disponível em: <<http://www.bossanovafilms.com.br/filme/pt/342/sonhos>>. Acesso em: 13.jun.2017.

5 O VT “Racismo em Cena” atingiu mais de 35 mil visualizações em postagens no Facebook.

OS FESTIVAIS ESTUDANTIS E UNIVERSITÁRIOS COMO PORTA DE ENTRADA À PRÁTICA AUDIOVISUAL

Paulo Vitor Luz Corrêa
pauloluzcorrea@gmail.com

Bacharel em Comunicação Social – Cinema e Audiovisual, pelo Centro Universitário Monte Serrat – UNIMONTE (2015). Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em cinema e festivais. Trabalha na mesma instituição de ensino como técnico de laboratório audiovisual, auxiliando os alunos de comunicação no desenvolvimento de trabalhos audiovisuais. Seu artigo “Festivais de cinema e a internet: uma breve análise por meio dos formatos de submissão de filmes”, que aborda os formatos de inscrições usados pelos festivais em 2016, foi publicado online no site da Associação Cultural Kinoforum (2017).

Resumo

Os festivais de cinema são uma janela alternativa de exibição e carregam diversos fatores simbólicos: turísticos, governamentais, econômicos, sociais, culturais, entre outros. Dessa forma, os festivais são eventos periódicos que trabalham tanto de uma forma generalista quanto de uma forma segmentada, isto é, de forma temática e/ou com especificações que unam as obras de alguma forma. Dentro desse escopo, estão os festivais estudantis e universitários, atrelados à base de suas diferentes formas de experimentação para com o estudante, seja no nível fundamental, médio e técnico (estudantil), ou de ensino superior (universitário), servindo em algum momento como porta de entrada a seus participantes para o setor audiovisual como prática de ensino. O objetivo deste artigo é analisar, por meio dos festivais estudantis e universitários que abriram processo para submissão de filmes no ano de 2016, as características de cada tipo de evento, bem como oferecer um mapeamento geográfico dos festivais dessas categorias.

Palavras-chave

Festivais de cinema; estudantil; universitário; segmentação.

Abstract

Film festivals are an alternative window of exhibition, and it carries several symbolic factors: touristic, governmental, economic, social, cultural. In this way, film festivals are periodic events that work in a general and in a segmented way, that is, in a thematic form and/or with specifications that unite the films in some way. Within this scope are the student and university festivals, linked to their different forms of experimentation to the student, either at the middle, high and technical school (student), or at college (university) school, serving at some point as to its participants for the audiovisual sector as a teaching practice. The purpose of this article is to analyze the characteristics of each type of event, as well to offer a geographical mapping of the festivals of these categories, through the student and university festivals that opened the process for submission of films in the year of 2016.

Keywords

Film festivals; student; university; segmentation.

INTRODUÇÃO

O audiovisual, dentro da sua imensidão de gêneros e formatos, movimenta a economia brasileira, mesmo em tempos de crise¹. Paralelamente a esse fluxo de mercado, estão as atividades culturais socioeducativas, com objetivos voltados para o crescimento coletivo. Espelhando esse fluido de conteúdo, estão os festivais de cinema.

Mais de 260 festivais audiovisuais brasileiros foram realizados dentro do ano de 2016². Os festivais atuam no Brasil com o pretexto de serem uma válvula de escape com relação à condição cinematográfica do país no que tange à cadeia produção-distribuição-exibição, que possui diversos entressos estruturais, logísticos e econômicos. Atuam como mediadores entre os filmes e o público (MATTOS, 2013, p. 131), dando voz às obras que não chegariam ao circuito comercial, com diferentes características. Atribui-se a uma forma de transmissão democrática de cultura com a sociedade, já que a programação de muitos festivais brasileiros não está voltada apenas para a exibição, mas para difusão e promoção (MATTOS, 2013, p.119) de seu acontecimento, como atividades paralelas e oficinas geralmente gratuitas para a população. Não menos importante, as mostras e festivais também atuam como estaleiro para descobrir novos profissionais do campo cinematográfico, introduzindo novas tendências estéticas, gêneros, formatos e demais aspectos.

Dessa forma, este artigo tenta teorizar os festivais de cunho estudantil e universitário realizados em 2016, atribuir características a cada tipo de evento e dialogar a partir de um mapeamento com os festivais realizados. Para fins de melhor desempenho deste artigo, considerou-se como festival “estudantil” aqueles que aceitam apenas filmes realizados por alunos de ensino fundamental, médio e/ou técnico, já o “universitário” os de alunos matriculados em uma instituição de ensino superior. Todos os festivais listados neste artigo abriram processo para inscrição de filmes. A coleta de dados foi realizada por meio de releases e notícias divulgadas na imprensa³. A base deste estudo é o artigo “Festivais de cinema e a internet: uma breve análise por meio dos formatos de submissões de filmes”, de autoria deste mesmo autor.

1. A PORTA DE ENTRADA DOS FESTIVAIS

A Agência Nacional do Cinema – ANCINE afirma que os festivais são a porta de entrada de obras audiovisuais, mostrando-se como um dos principais canais de difusão de novos realizadores e produtos que não se encaixam no circuito comercial. Falemos um pouco sobre os conceitos desse tipo de evento.

“Festival” é o nome dado a uma série de manifestações artísticas e cinematográficas, caracterizadas pelo nível de suas apresentações, periodicidade e/ou local onde se realizam. Cinematograficamente, é marcado por uma programação de exibição de filmes, estabelecidos de acordo com a vertente do evento. Em sua essência, todo festival possui caráter de amostragem: o ato de selecionar trabalhos audiovisuais, em quantidade estabelecida ou não, dentro dos critérios definidos pelo próprio festival, a fim de montar sua programação. (NEPUMOCENO, 2014, p.11).

A periodicidade é o item que carimba a realização desses eventos ano após ano. Marcado para acontecer em uma data específica, os festivais se programam anualmente para que sua realização seja um sucesso: desde a captação de recursos, passando para a fase de pré-produção (onde desenvolve-se os conceitos da programação que permeará a respectiva edição), abrindo o processo para submissão de filmes, fazendo o processo da curadoria e, por fim, seu acontecimento. A cada ano que passa, os festivais precisam se reinventar, apostar no diferente e no cativante, buscando sempre uma renovação de seus conceitos.

Os festivais carregam em si todo um arsenal de fatores políticos, econômicos, culturais e sociais. Um festival é realizado em virtude de motivações onde governamentalmente, transmite sua imagem de incentivador da cultura; para os produtores de conteúdo, é uma janela de exibição alternativa, em meio ao circuito de exibição *blockbuster*; para a sociedade, é uma oportunidade de acesso a uma corrente de cultura

alternativa naturalmente de difícil acesso; com relação a apoiadores, patrocinadores e demais parceiros desses eventos, é uma chance de agregar sua marca aos valores do festival, entrando em contato diretamente com o público, este na condição de espectador e consumidor. (ALENCAR, 1978, p.44-45).

Uma característica interessante dos festivais é a sua relação com o sentido de nacionalidade: esses eventos catalisam uma ideia de união patriótica em prol da classe audiovisual, contrários ao conteúdo das *majors* que dominam as salas de cinemas com programação estrangeira. A história desses eventos está diretamente associada ao nacionalismo, e denota-se isso na nomenclatura: um “festival internacional” possui caracteres conotativos políticos explícitos⁴, enquanto que o aparato político dos festivais nacionais estão associados a sua soberania de nação, de visualização perante seu povo, de fazer-se vistos (literalmente) nas esferas culturais, sociais, governamentais e mercadológicas já citadas.

De certa forma, os festivais nacionais pairam sobre um jogo de limitação e visualização: fechando seu escopo de atuação sobre as obras produzidas por cidadãos de suas nações, as produções estrangeiras não são o foco no envio de filmes (mas os realizadores estrangeiros são livres a participarem das atividades que integram a programação do evento), dando espaço aos realizadores locais de exibirem sua arte. Em termos de sociedade, a globalização, embora conecte todos os indivíduos em uma rede de contatos, potencializou o fator local de suas nações, e é certo que a globalização, a digitalização e as redes transnacionais levaram a uma multiplicidade de sistemas heterogêneos que não operam de forma totalmente independente das forças de territorialização. Eles ainda assim prosperam em tal extensão, em virtude de sua instabilidade e hibridação, de modo que essas forças têm de ser incluídas em conceituações⁵.

Dessa forma, percebemos que os festivais são essencialmente fenômenos que obedecem aos fatores da digitalização da informação, que permite a distribuição dessas informações cada vez mais cosmopolitas e globalizadas, conectadas a uma rede que hoje não se prende a limitações físicas e territoriais. Com essa capacidade de transposição, os festivais passaram a atuar, cada vez mais, na sua segmentação: passam a serem cada vez mais específicos, temáticos.

Conscientemente, todos esses fatores são considerados quando um festival é idealizado, diante da diversidade e heterogeneidade dos perfis desses eventos, podendo atuar pelo seu perfil temático (ambiental, animação, documentário), por seu porte (grande, médio e pequeno), organização (produtores independentes, empresários, prefeituras, estado), formas de financiamento (patrocinados por empresas privadas, verbas públicas, leis de incentivo), e até mesmo pela programação (inédita, inventiva, de forte diálogo com o público, experimental) (MATTOS, 2013, p.122). Um segmento de um festival é uma porta de entrada de uma categoria da classe audiovisual, proporcionando inúmeras oportunidades aos seus participantes, desde os realizadores que podem exibir suas obras em uma sala de cinema (e também em lugares alternativos) de forma gratuita, a toda uma plateia diversificada, que pode experimentar uma fonte de audiovisual diferente do que comumente é oferecido no circuito comercial.

Com tudo isso em mente, vamos abordar dois tipos de segmentos dos festivais audiovisuais brasileiros: os estudantis e os universitários.

1.1 Os festivais estudantis e universitários

Os festivais audiovisuais, diante de toda a segmentação que lhes é permitida, adquirem novos significados. A diferença entre os festivais estudantis e universitários está no regulamento dos respectivos eventos. Nota para o regulamento da 6ª edição da Mostra Audiovisual Estudantil Joaquim Venâncio (RJ), que estipula a categorização:

I – DA FINALIDADE

1.1 – O presente regulamento tem por objetivo selecionar vídeos produzidos por alunos matriculados nas diferentes séries do Ensino Fundamental, Médio, Educação Profissional Técnica de Nível Médio e da Educação de Jovens e Adultos para compor a programação da 6ª Mostra Audiovisual Estudantil Joaquim Venâncio, que será realizada nos dias 24 e 25 de novembro de 2016, no Auditório Joaquim Alberto Cardoso de Melo da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV) da Fundação Oswaldo Cruz. (REGULAMENTO DA MOSTRA AUDIOVISUAL JOAQUIM VENÂNCIO, 2016). Grifo do autor.

Por outro lado, universitários seguem uma vertente com o ensino superior, caso do 2º Toró – Festival Audiovisual Universitário de Belém (PA):

2.5) A direção e, pelo menos, mais duas funções técnicas devem ser assinadas por alunos devidamente matriculados em qualquer curso de instituição de ensino superior, ou em escola técnica de cinema/audiovisual do país, à época da realização da produção audiovisual (REGULAMENTO DO 2º TORÓ – FESTIVAL AUDIOVISUAL UNIVERSITÁRIO DE BELÉM, 2016). Grifo do autor.

Dessa forma, temos uma diferença discreta, porém decisiva na submissão dos filmes: o estudantil é destinado para jovens entre oito e 17 anos, associado ao ensino fundamental, médio e/ou técnico. Esses festivais geralmente trabalham suas propostas como uma atividade interdisciplinar, no sentido implícito do termo; já o universitário desenvolve-se dentro do ensino superior, em uma escola de cinema.

Trabalhemos com as principais características desses eventos. Os festivais estudantis têm seu foco na prática audiovisual por crianças e jovens estando sob a ordem de ensino. A idade, até os 17 anos, é o principal fator para essa categoria. Mas qual seria a principal função desse tipo de evento?

Essa mostra/festival tem o seu princípio voltado para a experimentação. São crianças e jovens ainda em fase de descobrimento social e profissional, e o trabalho de diversos atributos sociais por meio do audiovisual com esse público é uma forma de oferecer conhecimento às práticas pedagógicas consideradas pouco usuais, dentro do atual sistema de ensino brasileiro. As tecnologias da informação propiciam que o aluno não se limite a aprender apenas dentro da sala de aula, e a comunicação pode proporcionar, através dos mais variados meios, diversos ambientes de aprendizagem e participação dos alunos nas relações de ensino (SERAFIM, 2013, p. 26). Essa prática entra como uma interdisciplinaridade, algo que não está no calendário curricular, mas pode funcionar de maneiras criativas e divertidas para os participantes, já que o vídeo é um atributo sensorial, visual, e suas múltiplas linguagens interagem sobrepostas, interligadas, atingindo a todos, em todos os sentidos: seduz, informa, entretém, projeta em outras realidades. (MORAN, 1995, p.27).

É fato que, diante de uma prática pedagógica via experimentação, o processo de significação (BORDENAVE, 1982, p.62), isto é, a produção social de sentido, é utilizado a todo momento pelos alunos, e especialmente utilizado dentro do campo da comunicação. Esses festivais são mais uma rede de escoamento dessas significações, onde os participantes têm a total liberdade para trabalhar a produção dos símbolos, signos e grafias dentro da temática a ser produzida, procurando extrair todas essas comunidades de ideias a serem trabalhadas, compreendidas e realizadas.

Ao mesmo tempo, esse tipo de evento pode atrair novos talentos para a área do audiovisual, novos profissionais que, por meio de um primeiro contato com as atividades cinematográficas, podem descobrir-se profissionalmente e entrarem de forma permanente na área. Dito isso, esses festivais atuam como uma feira de experimentação, com total liberdade para os alunos praticarem e conhecerem os conceitos do cinema. Esse tipo de evento, com o objetivo de estimular ainda mais essa experiência, oferece em sua maioria premiações simbólicas e troféus, em um objetivo de simulacro do setor cinematográfico.

Os festivais universitários, por outro lado, atuam sob o espectro dos estudantes matriculados em instituições de ensino superior com cursos de cinema. Embora sejam mais restritos que os estudantis, seu público possui aspirações diferentes.

O universitário já está inserido dentro do campo de estudo audiovisual, já conhece os conceitos essenciais da carreira cinematográfica e já teve contato com as suas práticas, estudando diariamente enquanto seu curso perdura. Entretanto, o universitário ainda é um iniciante, e aqui entra o festival universitário: seu objetivo está em reunir um apanhado do que se produz dentro do campo acadêmico, em um contexto de dar voz a esse grupo, englobado nesse contexto como uma classe. Os festivais universitários agrupam novas tendências, gêneros, formatos, profissionais e obras dentro do ciclo universitário, servindo como um ponto de exibição dessas experimentações. Não que no estudantil não haja essa referência, mas sim que a ótica da referência do filme universitário é sustentada em um aparato consciente do manejo da prática cinematográfica, enquanto que no estudantil esse processo ocorre de forma mais simbólica.

É interessante notar que os festivais universitários, como disponibilizadores de uma voz a essa produção de cunho acadêmico, não se prendem às características dos festivais de mercado, carregando outras vertentes simbólicas da produção fílmica, no que diz respeito a duração, estética, temática, conceito, entre outros. O filme universitário é visualizado com o objetivo de justamente experimentar práticas antigas ou novas, para que o estudante carregue consigo a possibilidade de dizer que já passou por experiências de cinema. Na verdade, o filme universitário é uma pesquisa da pesquisa, onde o realizador transcende as especificidades das disciplinas, na obtenção de um novo conhecimento (SANTOS, 2006, p.6).

Por mais que haja a liberdade de operarem além-mercado, não há o impedimento dos festivais universitários absorverem estratégias da situação mercadológica em suas realizações, ainda que de forma reduzida, com estrutura de premiação, mostras competitivas e até mesmo de financiamento, como é o caso do Projeto Sal Grosso, oferecido pelo Festival Brasileiro de Cinema Universitário (FBCU)⁶, que premia em dinheiro a produção de um filme a partir de seu roteiro, que estreará na edição seguinte do festival.

Dessa forma, percebemos as diferenças no que tange à experimentação desses dois tipos de eventos: a idade de seus participantes – estudantil até 17 anos e universitário a partir de 18; a experimentação do estudantil consiste na prática audiovisual enquanto descobrimento profissional, do nascimento de uma paixão por uma área de trabalho, geralmente atrelado a uma prática de ensino, de “atrair” jovens para o ramo audiovisual, é uma experiência mais voltada para o atributo intrínseco do descobrimento. O universitário é uma experimentação metalinguística do contexto cinematográfico, livre do mercado, onde se pode exponenciar o filme enquanto aprendizado de novas técnicas e discussões, na presença da obra como uma pesquisa disciplinar, podendo ser utilizado pelo seu público-alvo como aspiração a objetivos profissionais futuros. Tanto os festivais estudantis como os universitários, partilham do filme curto, ou curta-metragem, como principal metragem das obras.

Ao mesmo tempo, se a busca do conceito é alcançada apenas por meio de sua experiência, dentro de uma ótica kantiana, o seu conteúdo é, por resolução, empírico *a posteriori* (VALLÉ, 2013, p.33). Dessa forma, esses festivais procuram se posicionar como uma atividade que mesmo após a conclusão do seu acontecimento anual continue servindo aos alunos como portfólio, como espaço de geração e propagação de conteúdo e, principalmente, como uma forma de incentivar o ensino da produção criativa na instituição, acarretando em outros processos criativos dentro e fora do ambiente de estudo.

Ou seja, a busca do conhecimento precisa partir de uma perspectiva de busca da própria identidade das pessoas inseridas no processo educacional, se aplicando tanto a alunos como a professores, às formas de se transmitir essa percepção, inserindo todos os atores presentes, isto é, a sociedade, nas circunstâncias de aprendizagem do mundo contemporâneo globalizado, caracterizado pela sua pluralidade de formas, aplicações, diferenças e afirmação de existência.

2. ANÁLISE DE DADOS

Em pesquisa própria realizada em 2016, possui-se o registro de 40 festivais estudantis e universitários que abriram inscrições no Brasil, nas cinco regiões brasileiras, com 13 e 27 festivais para cada, respectivamente. Ao todo, a região Sudeste é a que se destaca, sediando 16 eventos (40%) do total, seguida da região Sul, com nove (23%). A região Nordeste vem atrás com sete festivais (18%), e a Centro-Oeste com cinco (12%), e Norte com três (7%).

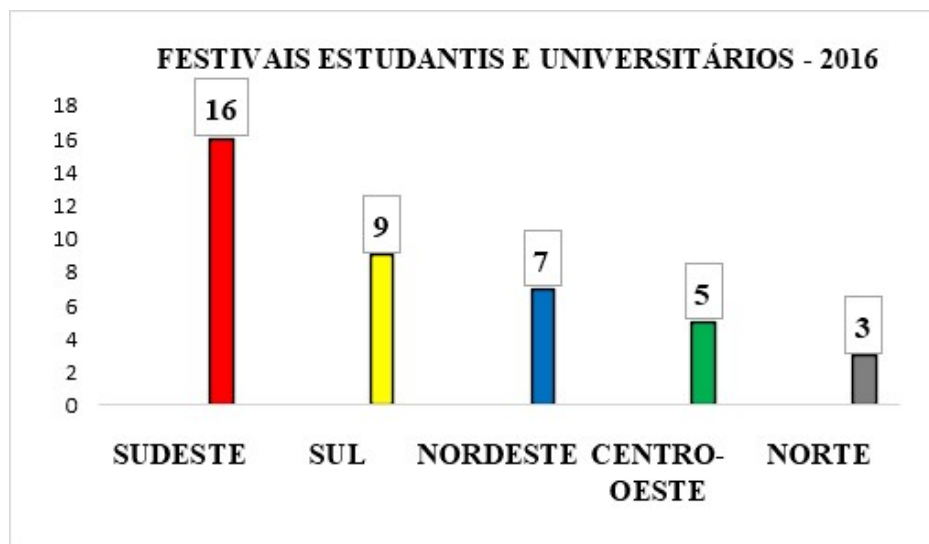


Tabela 1: Festivais estudantis, universitários e regionais 2016.

Fonte: Festivais de cinema e a internet: uma breve análise por meio dos formatos de submissão de filmes (CORRÊA, 2017).

N.	NOME	EDIÇÃO	UF
1	SET Universitário	29°	RS
2	Mostra Audiovisual Universitário América Latina MAUAL	15°	MT
3	NOIA – Festival do Audiovisual Universitário	15°	CE
4	Festival Osga de Vídeos Universitários de UNAMA	12°	AM
5	Comunicurtas – Festival Audiovisual de Campina Grande	11°	PB
6	FeVIS – Festival de Vídeos da Imagem e Som	11°	SP
7	Festival Universitário do Audiovisual FUÁ	8°	MS
8	Mostra Audiovisual UEG	8°	GO
9	Mostra Percursos	7°	CE
10	Festival de Cinema Universitário de Alagoas	6°	AL
11	Fusca – Festival Universitário de Criação Audiovisual	6°	PA
12	SERCINE – Festival Sergipe de Audiovisual	6°	SE
13	Cine Virada – Festival de Filmes Universitários da Bahia	5°	BA

14	Festival Nacional de Cinema Universitário Tainha Dourada	5°	SC
15	Loco de Ouro	3°	SP
16	MOV – Festival Int. de Cinema Universitário de Pernambuco	3°	PE
17	Semana do Audiovisual Livre SALVE – SP	3°	SP
18	Semana Universitária Audiovisual Sudeste – SUA	3°	RJ
19	Festival de Vídeos da Universidade Estadual de Maringá – FEVUEM	2°	PR
20	LUMIAR – Festival Interamericano de Cinema Universitário	2°	MG
21	TORÓ – Festival Audiovisual Universitário de Belém	2°	PA
22	Mostra Imagem e Som: É Proibido Filmar	2°	SP
23	Corte – Festival de Estudantes de Montagem e Edição em Cinema!	1°	RJ
24	Festival Audiovisual FIAM-FAAM	1°	SP
25	Fresta – Mostra Audiovisual do Curso de Artes Visuais	1°	RJ
26	Mostra Universitária de Cinema e Audiovisual – MOCINA	1°	MG
27	Mostra UFFilme 2016	Anual	RJ
28	Festival Nacional de Cinema Estudantil de Guaíba	15°	RS
29	MacacuCine Fresta – Mostra Audiovisual do Curso de Artes Visuais Festival Internacional de Cinema Estudantil de Cachoeiras de Macacu	9°	RJ
30	CURTA NO SANTA – Festival de Curta-Metragem, Cover e Animação	8°	RS
31	Festival Intercolegial de Vídeo Ambiental e Cidadania FIVAC	7°	GO
32	Festival Internacional Estudantil de Cinema de Barra do Pirai – Fescine Estudantil	7°	RJ
33	Mostra Audiovisual Estudantil Joaquim Venâncio	6°	RJ
34	Festival de Cinema de Mogi Mirim	6°	SP
35	Curta Caraguá – Festival de Cinema de Caraguatatuba	4°	SP
36	Festival Regional de Cinema e Literatura	3°	RS
37	Festival de Cinema Escolar de Alvorada	2°	RS
38	Festival de Filmes Curta-Metragem das Escolas Públicas de Brasília	2°	DF
39	CINEST – Festival Nacional de Cinema Estudantil	2°	RS
40	Mostra Centro Cultural CEEE Erico Verissimo de Cinema Estudantil	1°	RS

Tabela 2: Lista de Festivais Estudantis em 2016

Fonte: Festivais de cinema e a internet: uma breve análise por meio dos formatos de submissão de filmes (CORRÊA, 2017)

A proporcionalidade entre as regiões fica ainda mais gritante ao analisar por estado:

FESTIVAL POR ESTADO	
São Paulo	7
Rio de Janeiro	7
Rio Grande do Sul	7
Ceará	2
Goiás	2
Minas Gerais	2
Pará	2
Paraná	1
Amazonas	1
Alagoas	1
Bahia	1
Distrito Federal	1
Mato Grosso	1
Mato Grosso do Sul	1
Paraíba	1
Pernambuco	1
Santa Catarina	1
Sergipe	1
Acre	0
Amapá	0
Espírito Santo	0
Rio Grande do Norte	0
Rondônia	0
Roraima	0
Maranhão	0
Piauí	0
Tocantins	0
TOTAL	40

Tabela 3: Festivais estudantis, universitários e regionais por estado – 2016

Fonte: Festivais de cinema e a internet: uma breve análise por meio dos formatos de submissão de filmes (CORRÊA, 2017)

Em nível nacional, esses 40 eventos representam 14% do total dos festivais, com base nos números presentes até o momento. Os universitários são a categoria de festivais com a maior quantidade, perdendo apenas para os de temática generalizada, com mais de cem eventos do tipo. Os estudantis também estão no

topo da lista, em quarto lugar. (CORRÊA, 2017). Destaque para os festivais que já são de longa data no circuito nacional, como o SET Universitário (RS, 29ª edição), a Mostra Audiovisual Universitário América Latina MAUAL (MT, 15ª edição), junto com o NOIA – Festival do Audiovisual Universitário (CE, 15ª edição) e o Festival Osga de Vídeos Universitários de UNAMA (AM, 12ª edição), nas categorias universitárias; e o Festival Nacional de Cinema Estudantil de Guaíba (RS, 15ª edição), MacacuCine – Festival Internacional de Cinema Estudantil de Cachoeiras de Macacu (RJ, 9ª edição) e o CURTA NO SANTA – Festival de Curta-Metragem, Cover e Animação (RS, 8ª edição) para os estudantes. Este último possui uma categoria para obras de animação, mostrando ainda mais o poder de alcance da experimentação audiovisual em sua diversidade.

Interessante o fato de que esses festivais são os únicos (ou quase únicos) em atividade dos seus respectivos estados: caso do MAUAL (MT), Festival Universitário do Audiovisual – FUÁ (MS), e Festival Osga de Vídeos Universitários de UNAMA (AM), ambos estados com menos de cinco festivais (CORRÊA, 2017), onde, nesse caso, ele adquire posição de resistência, de visibilidade a uma cultura do estado, de oferecer desenvolvimento cultural em regiões que fogem do espectro econômico do país, praticamente polos de contracultura.

Analisando por estado, São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul dominam as estatísticas com sete festivais cada. Com relação aos dois primeiros, polos econômicos do Brasil e maiores concentrações populacionais, os festivais dessa pesquisa representam 10% e 14% da amostra total dentro de seus territórios. Rio Grande do Sul é uma considerável surpresa, levando em consideração a busca por espaço desses tipos de eventos. O estado conta com 20 festivais situados em 2016, possuindo uma representação de 35% no gênero estudantil/universitário.

Todos os estados da região Centro-Oeste possuem ao menos um festival desse gênero; seis dos nove estados da região Nordeste possuem um festival estudantil e/ou universitário; apenas Amazonas e Pará possuem na região Norte, com destaque para este último, com dois. Nove dos 27 estados da União não possuem nenhum tipo de evento realizado. Roraima e Tocantins não possuíam nenhum festival, de nenhuma temática, em 2016. (CORRÊA, 2017).

Um dos principais fatores para que alguns estados tenham poucos ou até mesmo nenhum festival está na base: são estados com poucas, quiçá nenhuma, instituição de ensino superior. Dentre os exemplos já citados, tanto a Universidade Federal do Tocantins (UFT) quanto a Universidade Federal de Roraima (UFRR) não ofertam cursos de cinema, que, enquanto prática de estudo, tem o seu finco de desenvolvimento dentro do campo acadêmico, sendo um grande aliciador e fomentador das práticas cinematográficas locais. Em sua grande maioria, tudo começa na universidade, discutindo o cinema, aprendendo o cinema, respirando o cinema. A cidade de Santos (SP), recentemente premiada com o selo de cidade criativa do cinema pela UNESCO, em 2015, muito se dá a esse título por conta de sua produção estudantil e universitária constante⁷. Os festivais, dentro de todo esse porte, são o grande escoador dessa produção, dando visibilidade a uma geração que produz conteúdo.

Interessante notar também o papel da prática estudantil nesse contexto: época em que a criatividade é mais exponenciada, os jovens podem abordar assuntos que dizem respeito às suas comunidades, de formas inusitadas, e fomentar a prática de um audiovisual enquanto plano de ensino, diretamente associada às escolas, podendo agir independentemente destas.

Nos dois casos, percebemos o quão importante são essas bases para que o audiovisual se fortaleça local e nacionalmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo tem como objetivo oferecer uma breve reflexão acerca dos festivais estudantis e universitários, com base nas suas características, fundamentos e nos próprios eventos ocorridos no ano de 2016. Este ensaio é uma análise com base na pesquisa anterior do autor, e como toda pesquisa, está sujeita a complementos.

Os festivais, dentro da sua amplitude, atuam tanto sob a ótica generalista – englobando todos os tipos de filmes possíveis – como pela temática, segmentando as obras em alguma característica comum. Essa prática tem como objetivo exponenciar novas práticas, vertentes, estilos e gêneros. Ao mesmo tempo, servem como escopo as condições cinematográficas do país, insuficientes para atender a toda a demanda dos realizadores. São vitrines de alta patente, chamarizes de novas estéticas e profissionais. Os festivais estudantis e universitários são categorias ligadas ao ensino, nas suas mais diferentes vertentes: enquanto um se volta para o ensino médio, o outro se volta para o ensino superior. O quesito experiência é o fator mais intrínseco desses dois eventos, sendo um para o descobrimento e o outro para o aprendizado de novas técnicas e discussão da prática audiovisual nacional fortificada por meio da classe universitária. A relevância desses eventos é comprovada pela sua quantidade, estando no topo das temáticas.

O estudo de festivais, enquanto fenômeno generalizado, especificamente no Brasil, é uma linha de pesquisa pouco difundida, como atestada por Mattos (2013). Valck (2008), em nível mundial, também expõe esse fato. Por meio dos festivais, se obtêm um mapeamento da difusão de cultura no país, concluindo-se o que parece óbvio à primeira vista: a região Sudeste sedia a maior parte dos eventos, principalmente São Paulo e Rio de Janeiro, centros da economia nacional. Entretanto, é justamente por meio dessas constatações que se pode imaginar uma situação de mudança e descentralização de investimentos culturais para que novos eventos, em regiões que não possuem um fluxo do chamado “mercado cultural”, possam ser atendidas as suas populações. Do ponto de vista das práticas de ensino, é uma forma de captar novos talentos e novas práticas culturais e sociais por meio do audiovisual, sempre tão convidativo e imersivo.

Os festivais, justamente, são as portas de entrada às populações distantes dos centros econômicos, servindo como campo de resistência em determinados estados, podendo-se descobrir novos profissionais do campo audiovisual e novas práticas. Em todos os casos, a certeza é: o contato estimula.

Notas

1 Segundo dado da Agência Nacional do Cinema – ANCINE, em 2016, o setor audiovisual brasileiro injetou na economia R\$ 24,5 bilhões, além de movimentar US\$ 1,74 bilhões entre importações e exportações de serviços audiovisuais em 2015, números considerados expressivos.

2 A pesquisa de minha autoria, intitulada “Festivais de cinema e a internet: uma breve análise por meio dos formatos de submissão de filmes” aborda os métodos de inscrição realizados pelos festivais cinematográficos em solo brasileiro no ano de 2016, a fim de estudar o impacto das novas mídias no processo de submissão de filmes. Foram coletadas informações de mostras e festivais, nos mais diversos níveis de amplitude de realização. Para critérios da pesquisa, considerou-se festivais e mostras como pertencentes a 2016 que abriram inscrições e que aconteçam no mesmo ano. A pesquisa foi publicada no site da Associação Cultural Kinoforum.

3 Diante da dificuldade de coleta de dados, a pesquisa de mapeamento nunca estará encerrada: caso algum festival que se encaixe nas linhas de pesquisa não tenha sido incluído nesses dois estudos, favor entrar em contato via e-mail: pauloluzcorrea@gmail.com

4 Segundo Marijke De Valck, os festivais nascem primeiramente dentro de um contexto europeu, pré-Segunda Guerra Mundial, por meio de mostras que exibissem o poder nacional perante outras nações, propositadamente convidadas a participarem desses eventos também com suas obras. Os festivais de Veneza e Cannes são atribuições nesse sentido. A seleção dos filmes era feita por uma comissão nacional de cada país, enviando as obras que julgassem interessantes para propagar suas ideologias. Tal situação se manteve até a década de 60, quando os festivais “proclamaram sua independência” e passaram a eles mesmos selecionar os filmes. A globalização, na década de 80, permitiu a chamada integração dos festivais, criando uma rede filmica desses eventos, onde todos estão conectados.

5 Da tradução direta: “Globalization, digitization, and transnational networks have led to a multitude of heterogeneous systems that do not operate completely independent of the forces of territorialization. They nonetheless thrive to such an extent, by virtue of their instability and hybridity, so that these forces have to be included in conceptualizations” (VALCK, 2008, p. 32).

6 O Festival Brasileiro de Cinema Universitário, o festival universitário mais importante do Brasil, não foi realizado em 2016, embora tenha aberto inscrições para submissões de filmes no ano citado.

7 No que tange ao cinema e ao audiovisual, a cidade de Santos possui o curso de Cinema e Audiovisual, ofertado pelo Centro Universitário Monte Serrat (UNIMONTE). Com uma grade curricular voltada para a prática, os alunos realizam produtos audiovisuais em todos os semestres, do primeiro ao último, podendo levar equipamentos para fora da instituição aos finais de semana e feriados, além do uso do Complexo Laboratorial. No campo estudantil, a cidade possui as Oficinas Querô, destinada ao ensino da prática audiovisual para alunos do Ensino Médio, igualmente produzindo filmes. A cidade ainda possui o Curta Santos – Festival de Cinema de Santos, com uma categoria competitiva chamada “Olhar Caiçara”, voltada para a produção local.

Referências

A IMPORTÂNCIA dos Festivais e Mostras de Audiovisual. Brasília: ANCINE, 2012. Texto sobre a importância dos Festivais e Mostras. Disponível em: <<http://www.ancine.gov.br/conteudo/import-ncia-dos-festivais-e-mostras-de-audiovisual>>. Acesso em: 18 dez. 2016.

ALENCAR, Miriam. **O cinema em festivais e os caminhos do curta-metragem no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Artenova S.A, 1978. 142p.

BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é comunicação?** 37. reimp. São Paulo: Editora Brasiliense, 2013. 105p.

CORRÊA, Paulo Vitor Luz. Festivais de cinema e a internet: uma breve análise por meio dos formatos de submissão de filmes. **Associação Cultural Kinoforum, Guia Kinoforum de Festivais Audiovisuais**. Santos, 2017. Disponível em: <<http://www.kinoforum.org.br/guia/panorama-do-audio-visual-apresentacao>>. Acesso em: 09 abr. 2017.

ESTUDOS da Ancine apontam que o mercado audiovisual brasileiro segue crescendo. Brasília: ANCINE, 2016. Estudo sobre o Valor Adicionado pelo setor audiovisual na economia brasileira. Disponível em: <<http://www.ancine.gov.br/sala-imprensa/noticias/estudos-da-ancine-apontam-que-o-mercado-audiovisual-brasileiro-segue>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

MATTOS, Tetê. Festivais pra quê? Um estudo crítico sobre festivais audiovisuais brasileiros. IN BAMBA, Mahomed (Org). **A recepção cinematográfica: teoria e estudos de casos**. EDUFBA, 2013. 302p.

MORAN, J. M. **O vídeo na sala de aula**. Comunicação e educação. São Paulo, v.1, n.2, p. 27-35, Jan./abr. 1995.

NEPOMUCENO, Milena. **Formação do Curador nos Festivais de Cinema**. 2014. 19p. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos) – CELACC – Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://migre.me/wu2ZD>>. Acesso em: 18 out.2016.

REGULAMENTO da 6ª Mostra Audiovisual Estudantil Joaquim Venâncio. Rio de Janeiro: Mostrajoaquimvenancio. Regulamento do Festival para a edição de 2016. Disponível em: <<https://mostrajoaquimvenancio.wordpress.com/2016/08/15/edital/>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

REGULAMENTO do 2º TORÓ – Festival Audiovisual Universitário de Belém. Belém: Nupaufpa.com. Regulamento do Festival para edição de 2016. Disponível em: <http://media.wix.com/ugd/356349_c8cabecfecfe488bbd651e74b6a6ed7b.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2017.

SANTOS é a única cidade brasileira eleita como “criativa” pela Unesco. Santos: G1.com. Sobre Santos ter se tornado uma cidade criativa da UNESCO. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2015/12/santos-e-unica-cidade-do-brasil-eleita-como-criativa-na-rede-da-unesco.html>>. Acesso em: 22 abr. 2017.